A Capela Perto de Wolfsbühl

Christoph von Schmid

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Uma antiga lenda.

1. A pobre viúva Margaretha e seu filho Georg

Margaretha era viúva de um pobre trabalhador que vivia de diárias. Uma casinha coberta de palha, um prado, uma vaca e algumas colmeias eram toda a sua riqueza. Seu pequeno Georg, um menino alegre e cheio de promessas, era sua única alegria no mundo. Da manhã bem cedo até tarde da noite, ela fiava incansavelmente. O ganho da fiação e o rendimento do prado bastavam para sustentar a ela e ao filho. Podia comprar cereais; o leite e a manteiga não lhe custavam nada; ainda podia vender mel.

Em sua pobreza, estava muito satisfeita e contente. Na primavera, quando o sol brilhava bem claro e quente, levava muitas vezes o pequeno Georg ao seu prado, que se estendia até uma colina arborizada ali perto e resplandecia com milhares de flores.

— Veja — dizia-lhe então —, aqui não é tão bonito quanto no paraíso? As pessoas bem dizem que somos pobres. Mas o que nos falta? É verdade que possuímos, por assim dizer, apenas alguns palmos de terra; mas este prado cheio de capim e flores é para nós uma terra de onde correm leite e mel. Quem está contente com o que tem é rico; quem exige mais do que precisa é pobre, ainda que possuísse o mundo inteiro. Vamos agradecer a Deus todos os dias pelo que temos!

O pequeno Georg cresceu e, apesar de sua alimentação simples, tornou-se um menino viçoso e forte. A mãe cuidava para que um dia ele se tornasse um trabalhador diarista tão útil quanto seu falecido pai. Seus desejos não iam além disso. Em outros tempos, ela tinha trabalhado numa fazenda que ficava a algumas horas de seu lugar de moradia atual. O filho do lavrador, que naquele tempo ainda era criança, tinha entretanto assumido a propriedade paterna. Ela pediu ao jovem lavrador que tomasse Georg a seu serviço. O lavrador concordou, e ela começou a providenciar algumas peças de roupa de que o menino ainda precisava.

O bom Georg ainda foi visitar todos os seus benfeitores e companheiros de brincadeira para se despedir. Nem mesmo da vaca, para quem tantas vezes trouxera para casa um feixe de capim sobre a cabeça, se despediu sem lágrimas.

— Bom animal — disse, acariciando-lhe a testa —, você me alimentou por muito tempo com seu leite. Agora não posso mais dar-lhe comida; mas minha mãe cuidará de você.

A boa mãe ainda lhe deu muitos bons ensinamentos e conselhos maternos. Ainda à porta de casa, quando ele estava diante dela chorando, com um alforje bem cheio sobre os ombros e o bordão de viagem na mão, disse-lhe:

— Então vá! Tenha Deus sempre diante dos olhos, reze de boa vontade e não perca nenhuma oportunidade de visitar uma igreja. Preste a seu próximo todos os serviços de amor que puder. Não se esqueça de sua mãe, que o ama tão ternamente e o amará até a morte. Adeus, e que Deus esteja com você!

Depois que Georg partiu, a mãe passou a fiar com ainda mais afinco e a viver com ainda mais economia. Queria guardar algumas economias para seu querido Georg, para que um dia ele pudesse receber sua herança paterna com

menos preocupações. Muitas vezes não cozinhava nem ao meio-dia nem à noite e não comia nada quente, apenas leite e pão. Não contava isso a ninguém; mas as pessoas percebiam, porque não viam fumaça subir de sua chaminé. Apesar de toda a sua economia, era muito caridosa com os pobres. Muitas vezes oferecia aos filhos do vizinho pobre uma tigela cheia de leite ou os chamava para dentro e passava manteiga no pão seco da ceia que traziam na mão; nos dias de festa, acrescentava também mel. Os bons ensinamentos que lhes dava eram ainda mais preciosos que leite e mel. Uma tarde de inverno, quando montanha e vale estavam cobertos de neve profunda e fazia muito frio, levou sua vaca à fonte que brotava da colina arborizada ali perto. A tarde estava calma e límpida, o céu ardia em vermelho, e a vaca bebia do riacho de águas claras. De repente, um lobo saiu da floresta e dilacerou a vaca diante dos olhos de Margaretha. A neve ficou manchada de sangue por toda parte ao redor. Margaretha bateu as mãos uma na outra acima da cabeça, fugiu para sua cabana e chorou dolorosamente. Não foi tanto o grande prejuízo, mas a compaixão pelo bom animal que lhe dilacerou o coração.

Na manhã seguinte, os filhos do vizinho vieram chorando até ela e se lamentaram pela vaca. Mas também lastimavam que Margaretha já não pudesse lhes dar leite nem manteiga.

— Mas — disse uma das crianças — por que Deus criou o lobo cruel, que dilacera um animal tão bom e útil?

— O lobo malvado — disse outra criança — já matou e devorou vários cordeirinhos de uns tempos para cá. Por que Deus permite que isso aconteça?

— Isso eu não sei lhes dizer — respondeu Margaretha —; mas precisamos acreditar que tudo o que Deus permite acontecer é sábio e bom. Talvez Deus queira nos mostrar, por meio do lobo, quão terríveis são um ladrão e um

assassino, para que tenhamos verdadeiro horror ao roubo e ao assassinato. Oh, que nenhum de vocês jamais se torne parecido com o lobo malvado e ladrão! Sejam antes como os cordeirinhos mansos e pacíficos.

2. O cavaleiro Ulrich von Wildburg e seu filho Konrad

Um cavaleiro da região, Ulrich von der Wildburg, soube dos estragos que o animal feroz causava e de que ele atacava não apenas os rebanhos, mas até as pessoas. Era um grande amante da caça e convocou todos os seus servidores e todos os caçadores e amigos da caça da vizinhança para, com ele, organizar uma grande batida contra o lobo. Konrad, seu filho, pediu insistentemente ao pai que o levasse também. O pai alegrou-se por seu filho mostrar tanta coragem. Permitiu que o acompanhasse, mas recomendou-lhe com toda a firmeza que ficasse sempre ao lado do pai ou do velho caçador de sua casa e nunca se afastasse deles.

O cavaleiro Ulrich partiu com seu grupo de caça, armado de lanças, flechas e arcos e acompanhado de muitos cães. Naquele tempo ainda não havia armas de fogo; por isso, era então muito mais difícil do que hoje abater animais selvagens. Assim, todos os caçadores de lobos entraram na floresta com grande cautela. Distribuíram-se de tal modo que um sempre pudesse acudir facilmente o outro. Para o jovem e corajoso Konrad, tudo aquilo avançava devagar demais. No meio da floresta fechada, afastou-se escondido do pai e correu na frente. Na sua coragem juvenil, ardia de desejo de que a honra de ter abatido o lobo coubesse a ele antes de todos os outros.

Com o arco retesado, saiu numa clareira da floresta. Ali viu o lobo sair de uma garganta entre as árvores. Konrad logo ajeitou a flecha, mirou, disparou e atingiu o lobo no peito peludo. Mas Konrad havia sido precipitado e disparara cedo demais. A distância ainda era grande demais para que a flecha pudesse

abater o lobo; o projétil mortal só feriu levemente o animal feroz. O lobo lançou-se furioso sobre seu inimigo. Konrad procurou subir depressa na árvore junto da qual estava. O lobo quase apanhou o pobre rapaz pelo pé. A árvore era muito baixa, e até os galhos inferiores, mais fortes, pareciam fracos demais para suportar o peso de uma pessoa sem se quebrar. Konrad, porém, içou-se para um galho e agarrou-se ao tronco. O lobo recuou um trecho, tomou mais impulso e deu um salto enorme para arrancar Konrad lá de cima. A goela escancarada, cheia de dentes terríveis, chegou muito perto do rapaz trêmulo, mas não o alcançou. O lobo repetiu seus ataques várias vezes, com fúria renovada, porém em vão. Por fim, sentou-se debaixo da árvore, ergueu os olhos faiscantes para Konrad, com a boca aberta e a língua bem estendida, e, de tempos em tempos, gania e uivava de sede de sangue e de raiva.

Konrad esperava que o animal abandonasse a árvore ou que os caçadores e os cães chegassem e o matassem. Começou então a gritar por socorro com todas as suas forças. Mas uma violenta ventania, que rugia pela floresta, abafava e dispersava sua voz. Começou a anoitecer. O sol se inclinava para o poente; fazia um frio cortante. Konrad corria realmente o risco de morrer naquela árvore sem folhas e coberta de geada: se não fosse pelo animal feroz, seria pelo frio não menos feroz.

Nessa grande aflição, suplicou então a Deus que o ajudasse. Não conseguia erguer as mãos, entorpecidas pelo frio; precisava delas para se segurar no tronco. Mas ergueu os olhos e o coração ao céu.

— Ó Deus querido e bom — disse ele —, atende à minha súplica nesta minha grande aflição! Perdoa minha imprudência e minha desobediência à sábia ordem de meu pai. Não me deixes morrer esta noite de geada e frio nem ser despedaçado por este animal feroz. Ah, não consigo mais aguentar nesta árvore! Aqui em cima e lá embaixo nada me espera além da morte certa. Ó

Deus, livra-me deste perigo! Inspira meu pai a vir aqui com seus caçadores e a afugentar este monstro sedento de sangue. Durante toda a minha vida eu Te serei grato por isso e cumprirei Teus santos mandamentos melhor do que até agora.

A oração de Konrad não ficou sem resposta. Quando todos os caçadores se reuniram de novo ao anoitecer, deram pela falta de Konrad. O pai acreditara que ele estava com o velho caçador; o caçador pensara que havia ficado com o pai. Todos os companheiros de caça garantiram não o ter visto e ficaram profundamente assustados. O pai ordenou e implorou que percorressem a floresta outra vez. Não era fácil fazê-lo ao cair da noite numa floresta tão fechada e bravia. Mesmo assim, todos se puseram logo a caminho. Depois de algum tempo, os cães acharam o rastro do lobo e começaram a latir ao longe. Todos os caçadores seguiram naquela direção. Mas o lobo, ouvindo o latido de tantos cães e farejando o grupo de caçadores que se aproximava, fugiu depressa. Os cães não conseguiram mais alcançá-lo, pois levava muita vantagem.

O pai e sua comitiva aproximaram-se da árvore. A lua acabava de nascer. Konrad desceu, pediu perdão ao pai e contou o que lhe acontecera: como correra tão grande perigo de vida, como rezara a Deus e como sua oração fora atendida.

— Ora, ora, graças a Deus que te tenho de volta! — disse o pai, abraçando-o. — Mas, daqui em diante, segue melhor minhas recomendações de pai; agora vês como são sábias e bem-intencionadas.

O velho caçador, porém, deu uma severa repreensão ao jovem senhor.

— Esses jovens senhores acham que entendem de tudo melhor do que nós, que já temos cabelos brancos! Mas o ovo não deve querer saber mais do que a galinha. Que esta história lhe sirva de aviso.

— Desta vez — disse outro —, tudo ainda acabou bastante bem; mas poderia ter acabado muito mal. Agir primeiro e pensar depois já trouxe a muita gente grandes aflições.

O pai disse:

— Vocês, homens honrados, têm razão. Konrad não deixará que suas palavras sensatas sejam levadas pelo vento. Mas agradeçamos todos a Deus, que o livrou de tão grande aflição e sempre ajuda quando, na aflição, suplicamos a Ele.

3. As crianças de bom coração

Georg, o filho da bondosa Margaretha, desde que deixara a casa materna, servira seu patrão com fidelidade e honestidade. Começava cada trabalho com disposição e ânimo e não se cansava até terminá-lo. Além disso, estava sempre alegre e bem-disposto e era amável, atencioso e prestativo com todos. O lavrador e sua mulher o amavam como se fosse seu próprio filho, e as crianças da casa gostavam dele como de um irmão.

Certa noite, Georg estava diante da porta de casa, fazendo pequenos feixes de ramos de abeto para acender o fogo. Cortava os ramos em pedaços curtos sobre o cepo, com uma machadinha, e os filhos do lavrador os amarravam em feixes com tiras de palha. Veio então um homem da aldeia de Georg e lhe disse:

— Ei, Hans Jörg! O lobo despedaçou a tua bela vaca lá em casa. Tua mãe ficou muito triste e chorou amargamente. Quando soube que eu passaria por aqui, encarregou-me de te trazer a notícia dessa desgraça e de te mandar lembranças. Pronto, agora já sabes. Deus te guarde; ainda tenho de seguir viagem hoje.

Georg começou a chorar de dor; as crianças também se lamentaram. O lavrador e sua mulher saíram à porta e perguntaram:

— O que aconteceu? O que vocês têm?

As crianças contaram, e Georg disse entre soluços:

— Ah, minha querida mãe deve estar muito aflita por ter perdido aquele bom animal. A vaca era a mais bonita da nossa aldeiazinha; nem o senhor tem outra mais bonita. Era de um belo castanho e tinha uma estrelinha branca na testa. Seu pelo era tão brilhante e liso que nem uma gota de água teria ficado sobre ele. Era da melhor raça e dava de seis a oito medidas de leite por dia. Ah, uma boa vaca leiteira é uma grande dádiva de Deus. Ela tornava minha mãe rica; agora, porém, minha mãe está muito pobre. O leite era o melhor alimento de minha mãe, quase o único; ela não tem condições de comprar outra vaca. É uma grande desgraça!

O bom menino foi chorando para seu quarto. Rezou e refletiu sobre como ajudar a mãe. Ainda não recebera nada de seu salário. Como chegara ali muito malvestido, queria comprar com o dinheiro um chapéu novo e um colete vermelho, como os que os rapazes da aldeia usavam, e havia muito se alegrava com essa ideia. Mas agora já não pensava no chapéu nem no colete.

— Vou comprar uma cabra com meu salário e levá-la à minha mãe; assim, ao menos por enquanto, ela terá alívio da necessidade mais urgente!

Foi logo ao lavrador, contou seu plano e pediu que lhe pagasse o salário a que tinha direito até então. O lavrador elogiou o amor de Georg pela mãe e lhe pagou. As crianças disseram:

— Mas agora não vais ganhar chapéu novo nem colete vermelho.

Georg, porém, disse:

— Posso muito bem viver sem chapéu novo e colete e continuar forte e saudável; minha mãe, porém, não pode viver sem uma cabra. Vou correr agora mesmo até o lavrador lá no outeiro! Ele tem duas cabras bonitas. Talvez me venda uma delas.

Mas Georg voltou triste e disse:

— O homem disse que suas cabras não estavam à venda; mas, se eu lhe pagasse muito bem, ainda assim, por ser eu, me cederia uma delas. Só que pediu o dobro do meu salário. Agora minha alegria acabou. Não sei o que fazer nem como resolver isso.

— Bem, crianças — disse a mulher do lavrador, sorrindo —, então façam uma reunião para pensar em como ajudar o bom Georg e sua pobre mãe. Vejam como podem juntar o dinheiro. Tu, Liese, és a mais velha; fala primeiro. Não te ocorre nada?

— Ah, sim! — disse Liese. — Vamos juntar o dinheiro dos nossos cofrinhos.

— Muito bem — disse a mãe. — É uma bela ideia; façam isso.

As crianças correram e voltaram com seus cofrinhos de lata. Até a menor veio e exclamou:

— Querida mãe, olha! Aqui estão também as moedinhas que economizei.

Os cofrinhos estavam trancados e tinham em cima uma abertura para introduzir o dinheiro. A mãe guardava as chavinhas. Abriu os cofrinhos e despejou o dinheiro sobre a mesa. Como as moedas economizadas não bastavam, as crianças quiseram acrescentar também o dinheiro que haviam recebido dos padrinhos. Mas a mãe disse:

— O dinheiro dos padrinhos vocês não podem dar. O que ainda falta, eu darei das minhas economias.

Georg chorou de alegria e gratidão.

— Ah — disse ele —, vocês são mesmo crianças de bom coração.

— Ora — disse Liese —, tu tens um coração muito melhor! As roupas de que precisamos são nossos pais que nos dão; mas tu tens de ganhá-las com teu trabalho e, mesmo assim, entregas teu salário por tua mãe!

Georg pegou o dinheiro e foi buscar a cabra, acompanhado de todas as crianças. Trouxeram-na como num triunfo.

— Vejam só — disse Georg ao lavrador e à sua mulher —, como ela é bonita! Que belo branco com manchas pretas! Como seus pelos são compridos e seus chifres bem curvados, que olhos travessos e que barba comprida ela tem! O homem disse que também deve dar muito leite.

Georg levou a cabra para o estábulo e a amarrou, e as crianças trouxeram tanta forragem que ela teria alimento suficiente para vários dias; Georg precisou impedi-las de trazer ainda mais.

— Amanhã — disse Georg ao lavrador —, quero levar a cabra à minha querida mãe, se o senhor permitir e achar que já não há nada a temer do lobo.

O lavrador permitiu que fosse e disse:

— Do lobo estamos a salvo, graças a Deus! Desde que passaram a caçá-lo com tanto empenho, ele deixou nossa região. Por toda parte, já não se vê nem se ouve falar dele.

— Bem — disse Georg —, então amanhã partirei bem cedinho. Ah, como estou contente por ir ver minha querida mãe! Como me alegro de poder demonstrar um pouco da minha gratidão de filho por todo o bem que ela me fez! Espero que, no meio de sua grande dor, ela tenha assim de novo uma pequena alegria.

O próprio bom menino não conseguiu dormir metade da noite, de tanta alegria.

4. O pobre ancião

No dia seguinte, antes mesmo de despontar a aurora, Georg já estava pronto para viajar. A mulher do lavrador preparou-lhe o café da manhã e deu-lhe ainda mantimentos para o caminho.

— E aqui — disse ela — tens também um pão inteiro, um pedaço de toucinho defumado e alguns feixes de linho para tua mãe.

Georg agradeceu, guardou tudo em seu alforje, pôs o saco às costas, levou a cabra por uma corda e, tocando-a à sua frente com um bastão, apressou-se alegremente rumo à sua terra.

O chão estava inteiramente congelado e levemente coberto pela neve fresca que caíra na noite anterior. Em sua pequena viagem, Georg passou pelo povoado de Wolfsbühl e chegou a uma bela capela que ficava numa elevação. A porta estava aberta.

— Preciso seguir o conselho de minha mãe e entrar para rezar — disse ele. — Mas o que faço com a cabra enquanto isso? Seria impróprio, até pecaminoso, levar o animal para dentro da igreja.

Amarrou-a do lado de fora à maçaneta de ferro da porta, entrou e se ajoelhou diante do altar. Rezou de todo o coração por sua mãe. Lembrou-se de que ela lhe recomendara não a esquecer e alegrou-se por ter comprado a cabra para ela. Com a mesma devoção, rezou por seu falecido pai, pelo lavrador, pela mulher dele e seus filhos e por todos os seus benfeitores.

— Querido Pai do Céu! — disse, entre outras coisas. — Prometo-Te cumprir sempre fielmente Teus santos mandamentos e os bons ensinamentos de minha querida mãe e alegrar a Ti, a Teus santos anjos e a todas as pessoas de bem. Concede-me Tua graça para isso! Ajuda-me especialmente a fazer o bem à minha pobre mãe!

Confortado, saiu novamente pela porta. Viu então um ancião de cabelos brancos como a geada, muito envelhecido, sentado no banco de pedra diante da porta. A seus pés havia um grande feixe de gravetos. O velho apoiava-se em seu cajado, observava atentamente a cabra e tinha lágrimas claras nos olhos. Georg cumprimentou-o com amabilidade e perguntou:

— Bom velhinho, por que olha a cabra com tanta tristeza e por que está chorando?

— Ah! — disse o homem. — Eu também tinha uma cabra bonita assim, e seu leite era meu melhor alimento. Mas o lobo a despedaçou. Desde então, minha pobre cozinha anda mal abastecida. Tenho de me contentar com sopas de água e já não tenho queijo de cabra para acompanhar meu pedacinho de pão. Agora estou muito mais fraco. Mal creio que ainda consiga levar para casa este carregamento de lenha, embora faltem apenas algumas centenas de passos

até minha cabana, a menor e mais miserável que vês lá embaixo, no fim da aldeia de Greiselbach.

— Ora — disse Georg —, isso é fácil de resolver. Vou levar depressa a lenha lá para baixo, até sua casa.

O ancião não queria permitir. Mas Georg lembrou-se das palavras de sua mãe: "Sê prestativo com todas as pessoas, tanto quanto estiver em tuas forças; ajudar alguém que sofre, assim como rezar, não é perder tempo." Por isso, disse:

— Deixe comigo! Vai me dar pouco trabalho, e antes de passar um quarto de hora já estarei aqui em cima de novo. A cabra estará segura aqui enquanto isso, não estará?

— Ah, sim, certamente — disse o ancião. — Não a roubarão, com certeza. Eu garanto. As pessoas desta região são honestas.

Georg desceu depressa a colina com a carga aos ombros, a passos rápidos e, aqui e ali, dando grandes saltos. O ancião o seguiu devagar. Georg deixou a lenha ao lado da porta e voltou. O ancião encontrou-o não muito longe da aldeia e agradeceu com lágrimas nos olhos.

— És um bom rapaz — disse ele —, que respeita a velhice. Que Deus te recompense cem e mil vezes pelo amor a um velho desconhecido! E Ele o fará! Lembra-te de mim.

Comovido, Georg apertou a mão do ancião, desejou-lhe dias felizes na velhice e seguiu adiante, contente por ter feito uma boa obra.

"Isso também foi uma esmola", pensou. "Mesmo sem ter dinheiro, é possível fazer o bem aos pobres."

5. O lobo e a cabra

Mal Georg deixara o ancião e ainda não dera dez passos, vieram correndo, quase sem fôlego, os meninos que se divertiam sobre o gelo do riacho próximo, gritando:

— O lobo! O lobo!

Todos estavam muito pálidos de susto.

— Onde vocês viram o lobo? — perguntou Georg.

— Lá em cima, na elevação; ele correu para a capela! — disse um menino, que continuou a correr e se refugiou com os outros na casa mais próxima.

Georg teve um susto de morte.

— Ah! — exclamou, lamentando-se e torcendo as mãos. — O lobo despedaçou minha cabra! Ó minha pobre mãe! Agora já não sei como te ajudar.

Correu colina acima, sem pensar que talvez pusesse sua própria vida em perigo. Mas, ao chegar ao alto, parou tomado do maior espanto. Sua cabra estava ilesa, apenas um pouco assustada e procurando fugir. Ao vê-lo, porém, ficou tranquila e começou a balir, como se estivesse contente com sua chegada. A porta da capela, que estivera entreaberta, estava agora fechada, e o lobo punha a cabeça para fora por uma das duas janelas redondas e gradeadas, uma de cada lado da porta. Quebrara o vidro e tentava com todas as forças romper a grade de ferro. Escancarava a goela, e seus olhos faiscavam de fúria. Mas não conseguia escapar de sua prisão.

— É um milagre evidente! — disse Georg. — Quem protegeu minha cabra e prendeu ali o monstro feroz? Nenhuma pessoa seria capaz disso. Além disso, não vejo aqui na neve outras pegadas humanas além das minhas e das do velho. Já as pegadas do lobo vão direto para dentro da porta. Só um anjo de Deus, que descesse flutuando do céu sem pisar no chão, poderia domar o animal selvagem e conduzi-lo e trancá-lo aqui tão facilmente, para que não pudesse mais fazer mal às pessoas.

Agradeceu a Deus com as mãos erguidas.

Enquanto isso, o ancião chegara. Ouvira os gritos aflitos dos meninos, "O lobo, o lobo!", armara-se depressa com a velha lança enferrujada que, como antigo soldado, guardava em sua cabana e quisera ver se ainda poderia socorrer seu benfeitor.

— Veja só o milagre que aconteceu aqui! — gritou-lhe Georg. — Veja, o lobo está preso sem ter conseguido tocar num pelo da minha cabra. Agora diga: como acha que isso aconteceu?

— Para mim está bem claro — disse o ancião. — Posso te contar como se tivesse estado presente. Quando o lobo farejou a cabra e a avistou ao longe, correu até ela, cheio de voracidade. A cabra, que estava amarrada à porta entreaberta, ao vê-lo chegar, refugiou-se na capela. Como estava amarrada à porta, que abre para dentro, e queria fugir do lobo, mas não podia avançar, virou-se para o lado e se escondeu atrás da porta aberta, como se fosse guiada por uma corda. O lobo, que a perdera de vista, correu em linha reta até o altar, cheio de sede de sangue e de fúria cega. Quando a cabra o viu lá na frente, saltou imediatamente para fora da capela e, com a corda presa à porta, fechou-a atrás de si. Assim o lobo ficou preso.

— Então não foi um milagre — disse Georg, desconcertado e já não tão alegre. — Então tudo aconteceu de maneira inteiramente natural?

— Por mais natural que tenha sido — disse o ancião —, ainda assim é um milagre. É um milagre da divina Providência. Deus dispôs tudo assim. Por Sua vontade, não só tua cabra foi salva, não só o animal nocivo ficou sem poder fazer mal: tu ainda podes esperar uma grande recompensa. Pois nosso clementíssimo príncipe ofereceu um prêmio de dez florins de ouro a quem capturar ou abater esse animal feroz. Esse prêmio te pertence. Foste a causa imediata de sua captura. Sem saber, armaste uma engenhosa armadilha para lobos. Certamente receberás a recompensa.

Georg ficou admirado, pois dez florins de ouro eram, naqueles tempos, uma grande soma de dinheiro.

— Ah, se é assim — disse ele —, então posso não apenas comprar uma vaca para minha mãe, mas ainda me sobrará muito dinheiro, que darei todo a ela. Quando receber o dinheiro, darei a cabra de presente ao senhor, e assim o senhor também terá ajuda de novo. Se não fosse pelo senhor, eu teria desamarrado minha cabra sem preocupação, seguido meu caminho, e o lobo a teria farejado e despedaçado, e talvez a mim também.

O ancião ergueu os olhos e as mãos ao céu e disse:

— Louvada seja a misericórdia de Deus! Ele te recompensou por teres levado minha carga até minha cabana. Ouviu minha oração e agora também me ajudou em minha aflição. Adoremos com gratidão Sua santa Providência!

6. O filho recompensado

Depois de ambos agradecerem a Deus diante da porta da capela, o ancião cansado sentou-se no banco ali à frente; Georg, porém, correu até Greiselbach. As pessoas não se arriscavam a sair de casa; só espiavam pelas janelas de cima para saber como terminara o caso do lobo. Georg gritou:

— Venham! Não têm mais nada a temer. O lobo foi capturado e está trancado na capela.

O administrador da aldeia subiu com alguns dos homens mais corajosos. Olharam pelas duas janelas e viram que o lobo realmente estava dentro da capela, saltando furiosamente contra as paredes em direção às janelas altas. Quando voltava para as janelas pequenas, os homens recuavam assustados.

— Graças a Deus! — disse o administrador. — O lobo está mesmo preso. Agora estamos a salvo dele, e nosso gado também. Mas não consigo compreender como vocês fizeram isso.

O ancião contou aos homens espantados.

— Ora, ora — disseram os lavradores —, quem acreditaria que uma cabra pudesse capturar o lobo!

— Aconteceu — disse o administrador — como já lhes disse cem vezes: “Quando chega a hora do ladrão, até um meirinho manco o alcança.”

O administrador exclamou mais uma vez:

— Agora, louvor e graças a Deus! Ele ajudou. Vou enviar imediatamente um mensageiro a cavalo ao severo cavaleiro, levando a alegre notícia. O senhor Ulrich von Wildburg certamente ficará muito contente. Mas tu, jovem pastor

de cabras, precisas ficar aqui enquanto isso. Receberás então o pagamento que te é devido. Até lá, cuidarei de ti e de tua cabra; não lhes faltará nada.

Um dos lavradores cavalgou a toda pressa até Wildburg. O cavaleiro estava à mesa com a esposa e o filho. Assim que ouviu a notícia, atirou a faca e o garfo sobre a mesa, saltou de alegria e exclamou:

— Magnífico! É uma festa para um verdadeiro caçador! Vou para lá imediatamente! Konrad, alegra-te, também podes vir.

Mandou logo selar os cavalos e convocar todos os interessados na caça da aldeia, a cavalo e a pé.

— Esse assado aí — disse —, ponham na bolsa de caça; vamos comê-lo com as mãos, à maneira dos caçadores, depois de abater o animal.

Enquanto os cavalos eram selados e seus homens se reuniam, fez o mensageiro contar tudo minuciosamente e, durante a narrativa, exclamou várias vezes:

— Magnífico, esplêndido! Abater esse animal vai ser um prazer.

Ele e seus cavaleiros montaram; muitas pessoas curiosas os seguiram a pé, tão depressa quanto podiam. O cavaleiro chegou à capela, mal prestou atenção às profundas reverências dos lavradores, olhou por uma das janelinhas e gritou:

— É verdade, é verdade mesmo, o lobo foi capturado! É um exemplar de caça tão magnífico quanto qualquer outro que já vi na vida. Agora a diversão vai começar imediatamente.

Começou a pôr seus homens de prontidão.

O administrador aproximou-se humildemente e disse:

— Pareceria melhor deixarmos o animal morrer de fome aí dentro; assim ninguém teria trabalho com ele e a vida de pessoa alguma correria perigo.

Mas o cavaleiro respondeu com arrogância:

— Achas que somos uns covardes medrosos como vocês? Não, não, por estas minhas próprias mãos, por esta lança morrerá o monstro, como convém e é de direito segundo o costume dos caçadores. Já causou sofrimento suficiente a mim e aos meus súditos. Depressa! Ponham-se em ordem, como eu disse, e um que tenha coragem abra a porta.

Um caçador armado de lança abriu a porta. Mas o lobo não queria sair.

— Ele percebe — gritou o cavaleiro — que não o espera uma boa acolhida. Depressa, soltem os cães contra ele; assim, queira ou não, terá de sair.

O cavaleiro tomou posição alguns passos diante da porta, segurando com as duas mãos a lança estendida. O lobo saiu, e o cavaleiro lhe enfiou a lança na goela aberta. O animal vomitou um jorro de sangue vermelho-escuro e, estertorando, debateu-se aos pés do cavaleiro. O cavaleiro soltou gritos de alegria e exclamou:

— Assim deve acontecer a todo ladrão. Alegrem-se, ponham ramos verdes nos elmos e nos gorros!

Todos os escudeiros, caçadores e lavradores cumpriram sua ordem e exaltaram sua bravura até o céu.

Uma multidão de pessoas, também mulheres e crianças, subiu para ver o lobo, que jazia estendido aos pés do cavaleiro. Na alegria de seu coração, ele mostrava-se extremamente benevolente.

— Não é verdade — disse — que, enquanto o animal vivia, vocês não se teriam aproximado dele por nada deste mundo? Ora, ora, só nós, cavaleiros, e nossos fiéis nos arriscamos a isso. Vamos, venham agora ver a goela terrível e os dentes afiados do animal, sua pele peluda e seu comprimento enorme!

As pessoas admiraram o animal e a coragem do cavaleiro, e ele ficou muito satisfeito com isso.

O administrador perguntou então ao cavaleiro se Georg podia contar com a recompensa prometida.

— Sim, sim — exclamou o cavaleiro —, ele a terá. É verdade que só me trouxe o animal até a ponta da lança; mas eu me contento com a honra. Ele virá comigo. Vou pagar-lhe o dinheiro imediatamente, embora só depois seja reembolsado pela repartição de rendas do príncipe.

O administrador levou essa resposta a Georg, que disse ao ancião:

— Agora a cabra é sua!

E foi agradecer ao cavaleiro. O ancião acompanhou Georg e contou ao cavaleiro como ele fora prestativo e como, além disso, acabava de lhe dar a cabra. O cavaleiro olhou para o velho e exclamou:

— Como? O quê? Mas eu te conheço! Já foste um bravo soldado e serviste sob minhas ordens. Georg é um excelente rapaz por querer te dar a cabra! Eu ainda te dou mais um florim de ouro; bebe à minha saúde.

Konrad chamou então o pai um pouco à parte e lhe disse:

— A recompensa que o bom menino recebe é, na verdade, dada pelo príncipe do país. Mas nós também deveríamos fazer alguma coisa. Quando eu estava

naquela árvore, em tão grande aflição, fiz o voto de realizar uma grande boa obra. Ainda não cumpri esse voto. Que tal darmos uma vaca à mãe de Georg? Quero pagá-la com minhas economias.

— Muito bem, muito bem — disse o cavaleiro.

Chamou Georg e lhe disse:

— Já que dás tua cabra ao velho soldado, eu, Hans Ulrich von Wildburg, não quero ficar atrás. Tua mãe terá a melhor vaca do meu estábulo. Passarás esta noite em meu castelo; amanhã cedo te pagarei a recompensa prometida, e meu vaqueiro suíço levará a vaca à tua mãe.

O cavaleiro Ulrich e seu filho voltaram a cavalo para o castelo, aonde chegaram já em plena escuridão da noite. Adelhaid, a esposa do cavaleiro, estava sentada à luz de uma lâmpada acesa, fiando em seu aposento de belos painéis de madeira. Os dois lhe contaram tudo o que acontecera, com muita vivacidade e em todos os detalhes. A nobre senhora disse:

— O que mais me agrada nessa história é a devoção de Georg, seu amor pela mãe e sua caridade para com o pobre ancião. Preciso conhecer esse bom menino! Konrad, desce agora mesmo e traze-o aqui. A esta altura já deve ter chegado e estar lá embaixo, na sala.

Konrad, com seu traje verde de caça, adornado de cordões e galões dourados, conduziu pela mão até o aposento o tímido Georg, vestido de tecido grosseiro. A senhora cumprimentou Georg com extrema amabilidade e elogiou-o por ter comprado a cabra para a mãe com seu salário ganho com tanto esforço e por tê-la dado ao pobre ancião quando a mãe já não precisava tanto dela. Fez-lhe muitas perguntas, pois pensava ainda poder aprender muita coisa com a mãe dele, que educara um filho tão bom. Ficou muito

satisfeita com suas respostas, encarregou-o de levar muitas lembranças afetuosas à mãe e o dispensou com grande benevolência.

Depois que ele saiu, disse a Konrad:

— Alegra-me que queiras ajudar a mãe de Georg com tua mesada. Mas, fora isso, não te comportaste bem nesse caso do lobo. Tua impetuosidade e tua desobediência quase te custaram a vida e teriam lançado a mim e a teu pai numa tristeza indizível, se Deus não tivesse intervindo e encaminhado tudo para o melhor. Desejo que te iguales em sentimentos nobres ao pobre menino de casaco grosseiro. Isso te adornaria mais do que o ouro em tua roupa.

A seu marido, o cavaleiro Ulrich, disse:

— Convenci-me mais uma vez de que o mais necessário de tudo é educar as crianças para que temam a Deus, sejam respeitosas e obedientes aos pais e tenham boa vontade e amor por todas as pessoas. Mas, para que possam fazê-lo, precisam antes de tudo aprender a dominar suas inclinações impetuosas. O coração das crianças é como um campo: é preciso arrancar espinhos e cardos antes que as boas sementinhas possam crescer e dar frutos. Isso é igualmente necessário a todas as crianças, cresçam numa cabana pobre ou num castelo e estejam destinadas a um dia manejar o arado, a espada ou a pena.

7. A mãe contente

Na manhã seguinte, Margaretha estava sentada junto de seu fogão quente, fiando com muito empenho. A vizinha entrou depressa e exclamou:

— Trago uma notícia alegre! Seu Georg capturou o lobo e vai receber o prêmio oferecido pela cabeça do animal. O bom menino vingou sua bela vaca

contra o assassino dela, e a senhora ainda receberá uma generosa compensação pelo prejuízo.

Margaretha, porém, balançou a cabeça e não conseguiu acreditar.

— Como seria possível? — disse. — Meu Georg nunca se ocupou de caça e nunca matou um passarinho. Nunca pegou num arco e flecha. Além disso, é mais menino do que rapaz; como poderia ter vencido um animal tão terrível? Parece-me que inventaram essa história só para zombar de mim. Isso me magoa muito, e eu poderia chorar!

De fato, tinha lágrimas nos olhos.

A vizinha disse:

— Pois é, a notícia também me pareceu um pouco suspeita. Mas nosso caçador, que já fez tantos esforços para abater o lobo, acaba de ouvir que é mesmo verdade. O bom caçador ainda não soube dos detalhes; mas está bastante aborrecido porque, como disse, um menino sem barba tirou o prêmio de toda a ilustre companhia de caça, por assim dizer, debaixo do nariz. Mas — acrescentou a vizinha, levando a mão à porta — ainda vamos ouvir como a coisa aconteceu.

Margaretha continuou a fiar com as mãos trêmulas, refletindo sobre o relato da vizinha. Mas, quanto mais pensava, mais inacreditável lhe parecia a história. A dor pela morte sangrenta de sua vaca tão útil renovou-se, e ela tornou a ficar profundamente triste. Então Georg entrou cheio de alegria, contou a grande felicidade que o bom Deus lhe concedera e como tudo acontecera e contou diante dela, sobre a mesa, os dez florins de ouro. Margaretha mal acreditava em seus olhos e ouvidos; só conseguia admirar-se e agradecer a Deus.

Georg olhou pela janela, tomou a mãe pela mão e exclamou alegremente:

— Agora venha comigo lá fora e veja! Nosso severo cavaleiro lhe manda outra vaca, que certamente vai lhe agradar.

A mãe saiu à porta com o menino. Ali estava o vaqueiro suíço, segurando a vaca pelo chifre.

— A vaca — disse o vaqueiro — é uma das mais bonitas e melhores do meu estábulo. Custa-me muito perdê-la. Meu único consolo é que ela vai de novo para um bom estábulo. Pois sei como a senhora alimentava direito a vaca que perdeu e como a mantinha limpa. Sua vaca era a mais bonita de toda a região, tirando as minhas.

Margaretha, que ainda não conseguia se recuperar bem do espanto, exclamou:

— Ó meu Deus, como és bom! Transformas o sofrimento em alegria. Quando me mandaste a desgraça e perdi minha vaca, eu certamente não pensava que, com isso, quisesses preparar-me uma felicidade maior. Mas nem quero falar das coisas terrenas. O prejuízo terreno tornou-se para mim uma bênção eterna. A aflição ensinou-me a rezar com mais fervor e a confiar em Ti mais de coração; e Tu não deixaste que minha confiança fosse envergonhada.

Voltou-se então para o vaqueiro suíço e disse:

— Sinto uma alegria indescritível. Também compreendo muito bem que deveria lhe dar uma gorjeta considerável. Há um quarto de hora, mal tinha em casa uns poucos heller vermelhos. Mas agora posso lhe dar um florim de ouro.

— Deixe isso — disse o honrado vaqueiro. — O severo senhor me proibiu terminantemente, sob pena de perder meu emprego, de aceitar uma gorjeta. Mas a bondosa senhora, em lugar da sua gorjeta, já me deu o dobro do que eu

poderia razoavelmente esperar da senhora. Passe bem, e que Deus lhe dê felicidade e bênçãos com a vaca.

Depois que o vaqueiro partiu e Margaretha e Georg levaram a vaca ao estábulo e puseram no comedouro uma boa quantidade do feno que ainda havia em abundância, voltaram para a sala. Margaretha sentou-se em sua poltrona e disse:

— A alegria percorreu todos os meus membros como um grande susto; sinto-me inteiramente fraca e cansada!

Georg teve de lhe contar tudo com ainda mais detalhes. Ela ouviu com muita atenção e várias vezes demonstrou a alegria que sentia por sua conduta. Ao fim da narrativa, disse:

— Queridíssimo Georg! Seguiste fielmente as palavras de tua mãe. Mantiveste-te junto de Deus, fizeste o bem ao próximo e alegraste tua mãe. Continua assim. Quem ama a Deus, Lhe obedece e confia Nele, quem honra os pais, quem não faz mal a ninguém, mas só o bem a todos, esse alegra a Deus e às pessoas e vive bem neste mundo e no outro.

O que a mãe lhe predisse realmente se cumpriu. Ele se tornou um lavrador honrado, próspero e muito respeitado. Mas Konrad também se tornou não apenas um cavaleiro muito valente, mas, o que é ainda mais, muito nobre e justamente reverenciado.

A lenda desse acontecimento conservou-se até perto do fim do século passado e provavelmente ainda existe hoje. Há muito Wildburg foi tão completamente destruído que dele só restou o local, ao qual talvez ainda se refira o nome da aldeia de Wildburgstetten. Um povoado vizinho chama-se

Wolfsbühl. Quem, no caminho de Dünkelsbühl para Nördlingen, passa por Greiselbach avista a mencionada capela numa elevação à esquerda da estrada.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Tradução: Codex · tradução assistida por IA
Produção: Bons Filhos Educação
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/a-capela-perto-de-wolfsbuehl-christoph-von-schmid